

## Utopia da Tradução Universal

J. M. Curado

(Universidade do Minho)

O matemático português José Maria Dantas Pereira (n. em Alenquer, a 1 de Outubro de 1772, m. em Montpellier, a 23 de Outubro de 1836) tentou atenuar a condição herdada de Babel através de um sistema de tradução automática e universal. O plano é descrito na *Memória sobre um Projecto de Pasigrafia*, publicada em Lisboa a 30 de Maio de 1800.

Este texto notável da história das ciências em Portugal oferece um programa único em língua portuguesa. São muitos os seus motivos de originalidade e de interesse: o esboço de técnicas de comunicação rápida em diversos contextos (mensagens e cifras náuticas, diplomáticas e militares), uma meditação sobre as propriedades das línguas naturais (o génio das línguas nacionais, a proximidade íntima entre as línguas e a cultura dos povos, a alteração constante das línguas), um inventário das formas de influência mútua entre os povos, os estados e as línguas (o orgulho nacional, o domínio político de nações através da imposição de línguas), e, como testemunho de uma erudição vasta, referências a autores estrangeiros que se ocuparam de tarefas semelhantes (Francis Bacon, Charles Michel de l'Épée, o Cidadão Jean Delormel, Newman, Thomas Northmore, Condillac, Diderot, Court de Gebelin, Jenisch, Girard, Adelung, Adam Smith, Garat, Leibniz, Jaucourt, Beauzée, um anónimo indicado pelas iniciais J\*\*\* de M\*\*\*, que é indubitavelmente Joseph de Maimieux, e John Wilkins).

Esta enorme riqueza temática que rodeia um projecto de simplicidade aparente é construída através de um estilo sóbrio e com recorrentes manifestações de humildade e de dúvida pessoal nas capacidades do autor em levar a bom porto um assunto de escopo tão amplo. Existe, contudo, um traço superior a todas estas características do texto. Aquilo para o qual aponta o método da *escriptura pasigraphica* continua a ser para leitores do século XXI, tal como o havia sido nos anos de 1790 a 1800, uma obsessão incontornável: a construção de uma língua perfeita. Que Dantas Pereira apresente o seu projecto como um vestíbulo de uma câmara muito mais complexa, provavelmente de realização inexecutável, transmite um sentimento de perenidade a esta *Memória*, como se a sua agenda de tarefas mentais ainda não se tivesse esgotado. O desejo de uma língua perfeita continua vivo, o mesmo acontecendo com os problemas ligados ao sonho de Ramon Llull de traduções fáceis entre todos os pares de línguas. Dantas Pereira propõe um sistema de tradução universal porque, curiosamente, é céptico a respeito da possibilidade de construção de uma língua perfeita.

Que tudo isto seja a parte menor da actividade intelectual do Capitão de Fragata, Lente de Matemática, Sócio da Academia Real das Ciências, e Mestre do Sereníssimo Senhor Infante D. Pedro Carlos, tal como surge no frontispício deste texto escrito e publicado aos vinte e sete anos, não deixa de surpreender. Dir-se-ia, tal como Jorge Luis Borges em *El Idioma Analítico de John Wilkins*, que Dantas Pereira era dado a felizes curiosidades e, também como Wilkins, deixou de merecer figurar nos correlatos portugueses da *Encyclopaedia Britannica*. As razões deste esquecimento na cultura portuguesa da obra de Dantas Pereira sobre a linguagem e sobre muitos outros temas talvez tenham a ver com as opções políticas conservadoras que terão justificado o exílio na parte final da vida em França, nomeadamente em Paris e Montpellier. Não é este, todavia, o nosso assunto. Atentemos, pois, e apenas, a uma das suas felizes curiosidades.

Como é apresentado o problema pasigráfico? Com a epígrafe de uma reflexão de Francis Bacon – “E assim, certamente, não só as línguas possam ser enriquecidas pelo seu mútuo comércio, como também delas poderão nascer aquelas bonitas coisas que existem em cada língua (tal como a Vénus de Apeles)” – indica-se a primeira dificuldade. É improvável que uma língua viva se torne universal. Existe uma oposição poderosa contra esta possibilidade, como a inércia do comportamento, a limitação mental dos povos e o amor-próprio dos falantes das restantes línguas. O passado mostra como estados imperiais só conseguiram impor as suas línguas a outros povos de um modo provisório e com limitações temporais e territoriais. Nenhuma língua clássica se conseguiu impor ao planeta. O domínio pela língua é ilusório porque existe nela uma dinâmica interna de variação permanente.

Estes aspectos exteriores não esgotam o campo das objecções à adopção de uma língua perfeita por parte dos povos, únicos soberanos da palavra, a quem pertencem a soberania e o direito da língua, como afirmou Horácio na *Arte Poética*.

Existe um obstáculo interior à realidade da linguagem humana. São esparsas as reflexões sobre este problema, e Dantas Pereira não avança com nenhuma construção teórica explicativa do mesmo, como se o simples enunciado fosse suficiente. As línguas variam permanentemente. A direcção deste processo interno não oferece, todavia, a confiança em que alguma vez no porvir esta variação tenda a uma realidade linguística homogénea e tomada universalmente por todos os falantes. As línguas variam, mas não para a unidade: “sempre lhe contravirá a universal tendência para variar, que tanto afecta o orbe inteiro e que, por assim dizer, é a constante única da natureza”.

Se, num cenário hipotético, alguma vez se instituir uma língua universalmente adoptada, mesmo então é seguro que “sobrevirá o tempo acompanhado com o cortejo infalível das causas variantes, e tudo mudará”. O inventário destes adversários obriga Dantas Pereira a uma perspectiva realista enunciada sem ambiguidades.

Não é fácil, porém, compreender as avaliações negativas sobre uma situação desejada e que se entrevê do outro lado da claridade das frases e da frequência de exemplos que mostram a natureza contraditória dos programas de utopia linguística. A actuação dos políticos é sintomática. O pouco interesse dos governantes e dos estados em se irmanarem na construção de uma língua perfeita serve como razão predominante para esta ser tomada como uma realidade fantasiosa. “Cuidar que as potências se coligarão para a conquista de uma linguagem universal, por meio do artifício unido ao seu exemplo próprio (...) é cuidar uma verdadeira quimera, é entrar de bom grado no país das ilusões”. As razões de estado justificam esta incompatibilidade. Todavia, a crença forte no sentido exemplar dos comportamentos individuais, sobretudo dos de representantes políticos, e no papel facilitador da convergência de interesses pessoais, faz nascer uma esperança vaga na existência futura do projecto. “O exemplo dos governantes ajudado com o preciso manejo dos interesses pessoais, é sim o meio mais poderoso, e talvez o único próprio para abater costumes antigos, substituindo-lhes novos”.

Esta é uma esperança inútil, certamente. Mesmo que as figuras plenipotenciárias de um povo adoptassem por interesse, por tradições de casta, por hermetismo de grupos, ou por educação cuidada uma nova língua, seja natural e estrangeira, seja construída e mais perfeita do que qualquer língua natural, não é garantido que as respectivas nações procedessem de igual forma. Os exemplos históricos das diferenças de atitude para com a língua entre as elites e os povos são múltiplos e meramente ilustrativos. A colecção poderia ser facilmente completada, já por casos de história clássica, já por manifestações de força das línguas nacionais mais de duzentos anos depois da publicação da *Memória*.

A linha de pensamento aqui seguida possui um paralelo na atitude geral de Dantas Pereira para com a possibilidade de existência de uma língua perfeita. As elites estão para os povos assim como as utopias linguísticas estão para as línguas naturais. Ambos os grupos são exemplares. Esta situação não é, contudo, suficiente para perpetuar as qualidades positivas da função de prestígio desenvolvida pelas elites e pelas utopias linguísticas. Numa hipótese hermenêutica plausível, talvez o motivo dominante que impediu Dantas Pereira de empreender uma língua perfeita *ab ovo* e que o limitou a uma mera pasigrafia com valor introdutório tenha sido a consciência dolorosa da impotência das construções exemplares em contrariarem a derivação constante das línguas. A mutabilidade das línguas não é completamente caótica, pois possui formas de organização em que algumas regiões internas das línguas desempenham um papel de vanguarda para as restantes regiões.

Num registo de escopo mais amplo, a linguagem mais próxima das necessidades naturais dos indivíduos é uma região da língua que serve de ponto de referência às múltiplas linguagens de acção, regiões da língua mais desprovidas de predicados como a simplicidade e a receptividade universal. Este fenómeno de estruturação não consegue cristalizar, porém, a tendência para a variação permanente. Quais os factores dinâmicos desta variação? As propriedades morfológicas das línguas e as alterações fonéticas não entram ainda no inventário das causas da variação universal. Dantas Pereira chega a fazer incluir o clima e os particularismos regionais no inventário dos elementos que contribuem para obstar à introdução de novos idiomas, o que não deixa de surpreender tendo em atenção o amplo papel desempenhado por estes factores muitas décadas depois da publicação da *Memória*, no âmbito de análises positivistas da actividade intelectual dos povos:

Contudo, não se entenda que julgo mesmo provável a total introdução de uma linguagem universal ainda quando os governos, decidindo-se, tomassem o caminho indicado (...) por mais próprio a conseguir aquele fim. Aconteceria como na Biscaia, Galiza, Catalunha, etc., a gente polida falaria a língua prescrita, o povo conservaria a sua. O clima, o grau de civilização e saber, as circunstâncias locais e pessoais, assim exteriores ao homem como inerentes a ele, prosseguiriam de mãos dadas com a diversidade de interesses civis e políticos influenciando sobre o idioma adoptado; o qual, longe de conservar mesmo a sua generalidade, voltaria, por assim dizer, ao estado de individual em que hoje o vemos.

Por um lado, o auxílio precioso que a actividade dos governantes poderia prestar ao ideal de adopção de uma língua perfeita; por outro lado, mesmo que tal acontecesse, a absoluta inutilidade da influência dos governantes a este respeito, devido à relação íntima entre os povos e as respectivas línguas naturais. As linhas contraditórias deste argumento impõem uma leitura da relação entre os átomos individuais das línguas, os falantes com as suas linguagens particulares, e os agregados que são as línguas nacionais. Existe uma continuidade dinâmica subtil entre os primeiros e estas últimas, o que implica que os esforços eruditos de dicionaristas e escritores em estabelecerem por norma as línguas nacionais sejam condenados ao malogro porque estão alicerçados numa visão estática e superficial do comportamento de miríades de agentes da língua.

A complexidade do programa de introdução da linguagem universal adensa-se sobremaneira:

Cada indivíduo fala, por assim dizer, uma língua particular mais conveniente à estrutura física dos seus órgãos vocais, mais parecida com os da sua condição e vizinhança, menos com os seus iguais de outros territórios, menos ainda com as das condições superiores, e assim por diante até chegar aos entes primeiros da nação e destes passar para os estrangeiros. Talvez que os dialectos dos diferentes indivíduos de uma nação sejam reputados idênticos, assim como julgamos iguais

pinturas muito parecidas que, sendo realmente diversas, não o são tanto que as diferenças se nos tornem sensíveis. As nações entre si consideradas estão em certo modo como os particulares de cada uma comparados entre si.

Perante este diagnóstico, o que fazer? Desenvolver um projecto acabado de uma língua perfeita, ao modo de Wilkins com *An Essay towards a Real Character, and a Philosophical Language*, é uma tarefa inútil quando considerada a argumentação racional e as possibilidades de realização efectiva. Inútil, decerto, mas não menos desejada por isso.

Um espírito pragmático como o de Dantas Pereira, confrontado profissionalmente com questões de comunicação naval, atento a detalhes aparentemente irrisórios como a utilização do papel, a poupança a fazer nos dicionários de línguas estrangeiras e o custo da tipografia dos textos, e influenciado pelas tentativas de normalização de padrões derivadas da Revolução Francesa, não aceitará este diagnóstico. Pelo contrário, é precisamente devido a ele que se confina à construção de uma técnica de pasigrafia (este é um termo de matriz grega derivado do dativo plural de *pas* e da primeira pessoa singular de *gráphein*, significando ‘escrevo a todos’), entendida como um ensaio necessário de uma língua perfeita, para cuja realização futura são igualmente obrigatórios outros ensaios nos campos da moeda e da mensuração. “Assim, vendo quase quimérico o projecto de uma língua universal, como alcançaremos facilitar nas hipóteses existentes e prováveis a comunicação recíproca dos diferentes povos, o mais que as mesmas hipóteses podem permitir?”.

São várias as tonalidades em que o exercício propedêutico ligado à pasigrafia é tido como *conditio sine qua non* daquilo a que conduz e que na sua ausência nunca se poderá efectivar. Para além do domínio técnico das línguas e da facilitação da comunicação entre povos, são por vezes enfatizados aspectos como o da utilidade pedagógica do projecto para uma maior receptividade na adopção de uma uniformidade linguística futura. A pasigrafia como momento obrigatório da marcha para a linguagem perfeita é “um como vestíbulo do gosto de uma linguagem universal, fazendo pressentir a maior numero de gentes os precisos efeitos dela e facilitando mais a comparação dos diversos coloridos que se correspondem nas diferentes línguas, com o que coadjuvária a escolha do mais próprio e por isso de assentimento mais genérico”.

A contribuição da pasigrafia para um melhor conhecimento científico das línguas naturais é sublinhada igualmente. Não é possível um sistema de comunicação eficiente e célere sem estarem resolvidas questões prévias ligadas à escolha de uma língua de referência (são vastíssimas as possibilidades de escolha, se bem que Dantas Pereira se limite predominantemente a línguas europeias, como o francês, inglês, espanhol e alemão), à utilização de algumas das propriedades notáveis das línguas naturais (a flexibilidade do árabe e o génio da língua inglesa), e à fonética dos símbolos pasigráficos que facilitará a sua dicção, conduzindo, eventualmente, a pasilalias.

Quando procura fazer uma avaliação do que foi conseguido com a pasigrafia, um dos traços mais positivos que encontra é o contributo para a compreensão das línguas naturais, pois “se torna um necessário preliminar à introdução de qualquer linguagem universal, se esta um dia se apresentar mais provável, sempre porém resultará da adopção deste projecto um maior compenetramento comum em todas as línguas e maior unidade na inteligência delas, o que não pode deixar de ser por extremo vantajoso a todas”. Pedagogia do projecto e técnica pasigráfica são, sem dúvida, as dimensões relevantes desta *Memória*. Não lhe é alheia, porém, uma sensibilidade estética e altruísta que convém entender como uma das causas finais do empreendimento: “é pois belo, útil e digno do homem que se interessa pelo bem dos seus semelhantes, ocupar-se dos meios que em tais circunstâncias poderão concorrer à introdução de uma linguagem universal”.

O que propõe Dantas Pereira para a introdução num futuro longínquo, verdadeiro país das ilusões como acima se viu, de uma língua perfeita? A base do projecto é relativamente simples na sua estrutura de trabalho, o que justifica, aliás, o sonho de uma comunicação rápida e fácil entre falantes de línguas diferentes. A simplicidade não deve ser compreendida, contudo, como um detalhe menor do sistema ou uma das suas consequências. Pelo contrário, é proposto um sistema pasigráfico em ordem a administrar utilmente um nível de organização comum aos múltiplos sistemas de comunicação, já naturais, já de contextos sociais determinados. O nível comum é o de maior simplicidade. As implicações da tese da existência de um fio de união entre construções de signos, cujos predicados compulsórios são a universalidade e a simplicidade, afiguram-se muito ricas. Que tipo de estrutura deverá ser essa? É algo que depende apenas do plano da representação, ou uma possibilidade interna ao conjunto dos seres da natureza? Esta última vertente apontaria para uma dimensão cabalística, verdadeira procura da linguagem da criação e da organização do mundo. Não é tão excessivo o ponto de vista defendido pela *Memória*.

O edifício para o qual o sistema pasigráfico é um esboço ainda rude, se bem que prometedor, tem como alicerces uma linguagem da natureza e uma linguagem da acção.

A utilidade de uma linguagem universal até se faz sentir, o que é contestado pelos hieróglifos do Egipto, pelas flores da China, pelas figuras do México, pelo assentimento de grandes europeus de todos os tempos, enfim, pela natureza, da qual estando tão distantes, contudo, não podemos aniquilar a tendência recebida para a uniforme comunicação das ideias correspondentes às nossas precisões e afectos principais, pelo intermédio de uma linguagem da acção muito parecida.

É possível discernir as propriedades da primeira pelo consenso das formas de escrita ideográfica em várias civilizações, das americanas às orientais. Um argumento *ad verecundiam* faz parte deste consenso, nomeadamente o inventário mental que Dantas Pereira poderia ter feito de grandes europeus que se ocuparam de projectos de linguagem universal: “se nações distintas e homens eminentes têm sucessivamente atentado na introdução, não só de uma cifra pasigráfica, mas de uma linguagem universal, entre na balança o considerável peso de tais autoridades”. Para além dos nomes que ostensivamente refere, como Jaucourt, Beauzée e Diderot, que autores teriam feito parte desse inventário? Leibniz, obviamente, tal como John Wilkins, ou os escritores ingleses que teria sido possível conhecer por mediação deste, quiçá Francis Lodwick, Thomas Urquhart, Cave Beck, Seth Ward ou George Dalgarno. Não teria sido possível, contudo, incluir os cépticos ao projecto de uma língua universal, como Descartes, sobretudo o da carta a Mersenne de 20 de Novembro de 1629, dentro do conjunto desses grandes europeus.

A despeito da distância que aparta o homem da natureza, existe no primeiro uma inclinação herdada da segunda através da qual as civilizações comunicam as suas necessidades e afectos elementares. Não é possível fazer a relação exaustiva dessas necessidades e afectos. Em que pensaria Dantas Pereira? Em quadros combinatórios finitos ou em colecções infinitas? O inventário plausível é longo: fome, sede, saudação, atitude de prece, comportamento de violência, mimetismos irónicos e lúdicos, formas de enamoramento, alegria, tristeza, etc.

É interessante a observar a respeito deste parâmetro encontra-se ao nível da linguagem. A uniformidade das formas de comunicação de necessidades primárias e afectos elementares parece constituir uma excepção à perene metamorfose e derivação das línguas naturais. Existiriam, por conseguinte, ou duas constantes da natureza (solução impossível, porque a universal variação das línguas é ostensivamente rotulada por Dantas Pereira como a *única* constante da natureza), ou um núcleo de relativa estabilidade das formas de expressão dentro da permanente variação das línguas. Esta segunda perspectiva é a mais adequada porque sobre ela se alicerça a linguagem da acção. É sobre o núcleo de estabilidade que todas as línguas naturais possuem que se encontra a proximidade entre as linguagens da natureza e da acção.

A suspeita de Dantas Pereira é legítima: se existe um conjunto de comportamentos e de ideias relacionadas que podem ser expressos com uniformidade através de vários meios de representação, porque não tentar conseguir o mesmo nas partes da linguagem que não constituem o núcleo mínimo de acordo entre os vários povos?

Aos dois optimismos baseados no consenso já realizado pelos povos e pelos pensadores e na proximidade entre linguagens da acção e da natureza é conveniente acrescentar um terceiro, o da procura de sinais que representem as noções mais abstractas e compostas em todos os espaços e tempos. Este optimismo começa, contudo, pela verificação de que “no estado presente da sociedade não temos índices, nem orais, por cujo meio tornemos universais as participações próximas das ideias mais compostas ou abstractas que escapam à referida linguagem da natureza, nem literais, que estendendo estas mesmas participações até aos mais remotos climas e tempos, sobressaíam tão grandemente à mesma linguagem”.

O problema de Dantas Pereira encontra-se, pois, equacionado nos seus traços mais gerais. O que existe de concreto a realizar para obter os índices orais ou literais de uma vasta linguagem da acção, em muito superior aos recursos estáveis mas limitados da linguagem da natureza? O trabalho de pormenor que subjaz ao ideário da pasigrafia enquanto ensaio da língua perfeita possui como aspectos centrais a estrutura do projecto, a universalidade da numeração árabe e o problema da escolha de uma língua de referência. Como aspectos periféricos contam a tradição em que se reconhece, as razões do afastamento de línguas com alguma tradição em papéis de intermediação comunicativa, como o latim, o grego, o sânscrito ou o árabe, ou, ainda, os destinatários privilegiados para a *Memória*, isto é, os autores de dicionários.

A tarefa de detalhe a realizar em primeiro lugar consiste

[e]m referir nos dicionários todas as palavras de um mesmo idioma aos únicos sinais mais geralmente difundidos numa nação do que qualquer língua estranha a ela, de mais universal conhecimento ... sinais que portanto formam a base mais natural e fácil do nexos comum dos mesmos idiomas. Quais serão eles? Os números igualmente conhecidos de quantos têm adoptado a numeração árabe ou decimal (...) e estes enunciando em geral, e servindo, por assim dizer, de um ponto de reunião a todas as diferentes complexões alfabéticas que nos diversos idiomas do mundo indicam a mesma ideia.

Este inventário dos passos concretos a dar desenvolve imediatamente um grupo vasto de questões complexas: É exequível converter uma colecção de palavras já dicionarizadas numa série numérica? Qual o tamanho do dicionário óptimo, um termo de entrada, dez mil, cem mil ou um milhão? Em que momento da evolução histórica de uma língua se deverá tomar o dicionário, e. g. no grego homérico, ático, alexandrino ou moderno? Quais as razões do sucesso da numeração árabe enquanto sistema de representação, tendo em atenção, sobretudo, a situação contrária da enorme série de insucessos nos sistemas linguísticos, monetários, axiológicos, religiosos, sistemas de numeração alternativos e de padrões de mensuração? O que significa entender um sistema de numeração como a base mais natural, como o nexos comum e como o ponto de reunião dos vários idiomas? Que implicações a retirar da concepção

da linguagem enquanto sistema organizado dicotomicamente, pela base segundo uma colecção de ideias comuns a todos os povos, pelo topo segundo combinatórias alfabéticas de enorme diversidade?

Estas dificuldades de escopo muito amplo não impedem Dantas Pereira de continuar o trabalho de pormenor do método da escrita pasigráfica. A tarefa mais importante do empreendimento desenvolve-se segundo três momentos.

Isolar uma língua de referência que sirva de base a todas: “desejara que tomando uma língua, ou morta por evitar certas contendas, ou viva a mais ampla, universal e bem discutida, constituísse esta língua a unidade de todas”.

Às palavras de qualquer outro idioma anexar os números das palavras correspondentes no dicionário de base: “a qualquer palavra do dicionário de outro idioma agregariam o número da sua correspondente no primário”.

Finalmente, por razões não necessárias para o projecto mas apenas para o facilitar, tomar o sistema numérico que serve de ligação entre os diferentes sistemas linguísticos e anexar-lhe os sinónimos das línguas mais importantes: “acrescendo em fim para cómodo maior, um dicionário onde aos números, segundo a série natural deles, correspondessem os sinónimos de todas as línguas mais universalmente conhecidas”. O projecto possui, assim, dois momentos obrigatórios e um anexo.

Para ilustrar a estrutura do sistema pasigráfico impõe-se uma escolha prévia. Qual a língua a escolher para desempenhar uma função de referência? Surge aqui um elemento paradoxal. As línguas clássicas (grego e latim) são afastadas pela sua menor riqueza nos termos técnicos dos officios, das artes e das ciências. Esta negação não é realizada no desconhecimento dos atractivos que cada uma destas línguas oferece, aliás em número elevado: ambas são línguas mortas, o que permite não ofender o orgulho de cada povo ao ver a sua língua preterida em benefício de uma outra língua; ambas são línguas estabilizadas e com um corpo de literatura riquíssimo; ambas têm vantagens pedagógicas porque o passado já demonstrou a facilidade com que podem ser aprendidas por povos que as não têm como maternas; ambas têm servido para a criação de um número elevado de neologismos, o que revela a enorme plasticidade frente a situações novas.

Com o exemplo das línguas clássicas, Dantas Pereira poderia ter intuído a dificuldade vasta em manter uma condição homogénea em qualquer língua natural e mesmo numa sonhada língua perfeita. A despeito dos seus atractivos, nem o grego nem o latim são escolhas óptimas. Porquê? O conhecimento disponível às sociedades evoluiu, e este facto tem um enorme impacto na língua: “cada nação tem feito e fará sempre progressos distintos, e muitas vezes considera sim o mesmo objecto, mas por diferentes lados, o que necessariamente recai sobre a linguagem que, como índice de tais cousas, o é ao mesmo tempo assim do estado de qualquer nação em diferentes épocas da sua existência, como daquele que lhe compete relativamente às outras nações coevas.” Esta é uma contradição interna a todos os projectos de construção de línguas perfeitas: o tempo não está a seu favor. A verificação de como o conhecimento cresce era conspícua numa data ainda marcada pela paixão classificatória setecentista. Dantas Pereira espanta-se com os “imensos produtos naturais ainda não classificados”.

Não sendo favorável ao significado desta contradição, talvez de interesse mais filosófico do que pragmático, se bem que a verifique e a rotule de “embaraço”, e não tendo ponderado as hipóteses de escolha de línguas não europeias, Dantas Pereira inclina-se para o francês por razões de maior eficiência, entre as quais se contam a existência de dicionários (os de Diderot e de Court de Gebelin), vocabulários científicos e enciclopédias: “escolhera entre todas para base a língua francesa por mais cultivada e geral, e haver dela um dicionário assaz respeitável”. São menores e apenas duas as objecções que se levantam a esta escolha: os progressos do conhecimento que aconteçam fora do espaço linguístico francês, com evidentes repercussões ao nível do vocabulário novo, podem ser adoptados; no que concerne aos sinónimos franceses, e numa estratégia para diminuir a redundância, procurar-se-á o termo que transmite a ideia principal e, tendo esta como referência, a parte convergente e a parte divergente dos sinónimos.

Com um dicionário da língua francesa, considerada como língua universal depois do processo de escolha da língua de referência, procede-se à numeração das palavras. Esta tarefa materializa-se em duas tabelas ou colunas: uma das palavras, outra dos números. Este conjunto de duas tabelas denomina-se Universo (ou universal) – Numeral (ou numérico). Se se tomar uma outra língua natural, por exemplo, o português, far-se-á corresponder cada um dos números a vocábulos portugueses, processo que iria constituir a unidade Universo – (Numeral -) Lusitano. Tomando um dicionário de referência da língua portuguesa, se o sistema pasigráfico for o mais completo possível, ou um dicionário vulgar se se procurar apenas a eficiência, será possível encontrar os termos do vocabulário anterior, voltar a colocá-los por ordem alfabética e anexar-lhes os números correspondentes. Este exercício irá construir a unidade Lusitano – (Numeral -) Universal, conjunto vocabular inverso ao anterior. Este trabalho de numeração, comparação e seriação de termos pode ser textual e tipograficamente disposto segundo o modelo das tábuas logarítmicas para maior facilidade de transporte em jornadas (as de Callet ou as de Taylor, sendo de interesse não olvidar que o próprio Dantas Pereira foi igualmente autor de tábuas logarítmicas, nomeadamente as *Tábuas que contêm os logarítmicos dos números naturais...*, de 1804).

O conjunto dos números é um instrumento poderoso de comunicação entre estrangeiros ou nas actividades de tradução rápida. Desempenha o papel invisível mas precioso dos intérpretes “seguramente mudos para o segredo e prontos tanto como os próprios a intervir na inteligência recíproca de quem os empregar”.

Existem sempre, contudo, algumas zonas herméticas em todos territórios de mediação e de fronteira. A linguagem não é, a este respeito, excepção. Pelo contrário, a actividade de traduzir é exemplar das dificuldades da tarefa de intermediação. Dantas Pereira não se preocupa com a correcção última da tradução. O objectivo encontra-se apenas numa tradução de grau mínimo em que o indivíduo quer compreender e ser compreendido. Como a construção argumentativa desta *Memória* utiliza muitas vezes uma pedagogia do exemplo, verifica-se algo que poderá ser tomado como uma situação típica das dificuldades às quais a pasigrafia presta auxílio. Num contexto concreto em que um português ignorante do alemão e um alemão ignorante do português querem comunicar, como realizar esse objectivo? A solução é a de ambos encontrarem um grau mínimo de acordo para que os enunciados possam ser compreendidos. Existem patrimónios comunicacionais mínimos e dificilmente é concebível a comunicação na ausência dos mesmos, por muito evanescentes que sejam, como a mera existência do desejo de ser compreendido ou o regime de intencionalidade em que os comunicantes existem um para o outro ainda mesmo antes da comunicação. A pasigrafia procura tornar célere a procura de um grau mínimo de comunicação.

Seria tentador ver aqui uma antevisão das preocupações hodiernas em criar algoritmos ou línguas de interface que tutelem as intermediações linguísticas. Improvável mas tentador, tanto mais que existem objectivos comuns a Dantas Pereira e aos projectos de tradução automática contemporâneos. A tradução de mensagens deverá ser mais técnica do que cultural (está afastada, pois, a tradução de poesia ou de textos literários em geral) e a tradução mais correcta é aquela que se origina de procedimentos económicos.

O exemplo do português e do alemão inventaria a sequência de passos em que se atenua a incomunicabilidade. O que podem fazer os falantes dessas línguas, pasigraficamente falando? Estes falantes procuram um grau mínimo de comunicação, materializado através da estrutura de mediação dos números índices, para que resulte “instantânea inteligência entre os indivíduos”. A estrutura de mediação a que podem recorrer é a dos conjuntos vocabulares Universo-Alemão, Germano-Universal, Universo-Lusitano e Lusitano-Universal.

Entre uma tradução de grau mínimo e uma tradução perfeita existe uma ampla latitude em que a conversão se pode afinar. As construções parafrásticas e os sinónimos constituem um exemplo importante de tentativa de finura progressiva na tradução. O esforço é inglório porque os circunlóquios têm como pressuposto a não existência de sobreposições rigorosas de significados entre os termos de línguas diferentes, em que as mais das vezes acontecem perdas semânticas, enquanto que os sinónimos sublinham uma reduzida comunidade de sentido, com excessos nos modos da expressão. A tentativa existe, todavia, a partir do segundo momento do projecto pasigráfico, o de agregar a um segundo idioma os números que correspondem no dicionário da língua de referência a palavras de significado idêntico ou próximo:

a qualquer palavra do dicionário de outro idioma agregariam o número da sua correspondente no primário ou os números seguidos das frases enunciativas daquelas palavras que no tal idioma não têm um simples sinal equivalente, separados entre si, como as palavras compostas, por meio de pequenas linhas.

A agudeza desejada na tradução implica a passagem sem perda do sentido de uma língua para outra. É enorme o optimismo de Dantas Pereira. Se um conjunto semântico não se alicerça apenas num único termo mas num rodeio de palavras, a tradução pasigráfica deverá procurar os números índices de cada uma das dessas palavras. Uma palavra com significados múltiplos, mesmo que controlados na sua derivação semântica com “exemplos a propósito extraídos dos bons autores”, deverá ver o conjunto de significados traduzidos como se de um único termo se tratasse, isto é, cada significado traduzido separadamente: “à palavra que tem diferentes significados faríamos unir os números que as estes correspondem na língua base”. Não são claros, infelizmente, quais os critérios para constituir um conjunto de bons autores. O que é um bom autor de uma língua natural? Entre um trabalhador rural e um professor universitário, ou entre Fernão Lopes, o autor da *Arte de Furtar* e Miguel Bombarda, muito existe para escolher. A mutabilidade intrínseca à estrutura das línguas obriga a que os bons autores sejam periodicamente substituídos.

É este um excesso de optimismo ou uma passagem indevida das lições extraídas da tradução em grau mínimo para traduções com exigências de perspicácia, como se das virtudes do simples não se pudesse inferir as angústias do complexo? Existem boas razões para o optimismo de Dantas Pereira. De facto, se o método pasigráfico enfrenta situações de complexidade muito elevada, também contribui para a diminuir. A facilidade da sua utilização poderá ser aumentada se o grupo vocabular de referência se limitar às raízes das línguas. O objectivo do método proposto é o da economia de meios. Apenas as raízes devem ser numeradas; os seus derivados merecem um expoente igual que os identifique como elementos de um determinado grupo semântico. Um raciocínio por analogia pode sublinhar o modo de limitar a dificuldade das línguas: tal como dentro de uma determinada língua é possível isolar um núcleo semântico ou um termo e os seus derivados, como se os irmanasse um ar de família, assim também a fixação de uma língua universal permite rastrear as infinitas variações de um significado nas várias línguas. A complexidade é atenuada porque uma referência sólida e o conjunto matricial dos números índices constituem um instrumento heurístico em territórios desconhecidos das línguas.

A pasigrafia tem o efeito de uma lente ampliadora da arquitectura das línguas e, nesse processo, aumenta a capacidade destas indicarem objectos da natureza. Um objectivo idêntico ao da noção de lente ampliadora é, curiosamente, postulado por De Maimieux ao considerar que a pasigrafia permite a criação de um “tipo de glossómetro destinado a complementar as traduções naturais nas correspondências comuns e que corrigirá as inexactidões das traduções literais, dando às línguas uma escala geral” (*Pasigraphie*, p. 1). O aumento de inteligibilidade devido a uma onomástica controlada é considerado geralmente uma prerrogativa das línguas filosóficas, em que a atenção à divisão dos seres por categorias e a dependência íntima dos nomes em relação às categorias são assuntos amplamente trabalhados.

Dantas Pereira não se ocupa, porém, de projectos de línguas filosóficas. A compreensão mais ampla dos nomes dos produtos da natureza deve ser ligada menos a uma preocupação categorial, mais a uma propriedade derivada do conjunto finito de números índices da língua de referência, a de criarem a ilusão de esgotarem os modos de representação dos seres. Se todos os dicionários são finitos (o conceito de dicionário infinito é paradoxal), os nomes que neles estão incluídos são igualmente finitos, não sendo possível, contudo, asseverar que o conjunto de seres aos quais os nomes se referem seja também finito. A ilusão existe, por conseguinte, pois que nenhum falante pode esgotar o dicionário de uma língua natural.

Porque não procurar numa outra direcção um dicionário de uma língua de referência? Mais, porque não escolher como fundamento mais seguro de todas as construções naturais da linguagem outras instâncias, como os elementos fonéticos comuns a todas as línguas ou as faculdades do entendimento humano que possibilitam todos os actos de fala, quaisquer que sejam as suas particularidades? O pragmatismo nas traduções e no auxílio a situações urgentes justifica a escolha da língua francesa como universal. Não se considere, todavia, que esta opção esgotou o campo de outras hipóteses plausíveis ponderadas por Dantas Pereira.

É apresentado um conjunto de quatro objecções contra a possibilidade de uma língua universal, sendo útil o inventário das mesmas para se avaliar o conhecimento linguístico presente na *Memória*.

#### I

Como em 1800 ainda não era disponível o inventário das línguas mundiais – tenha-se presente como ponto de referência que a redescoberta do sânscrito por *Sir* William Jones datava apenas de 1789, – nem eram de utilização comum os conceitos de família linguística ou de derivação, Dantas Pereira toma alternadamente como matriz relevante as línguas europeias mais conhecidas, seja num conjunto abreviado de seis, seja num conjunto mais amplo de catorze, i. e. grego, latim, italiano, alemão, polaco, lituano, russo, sueco, dinamarquês, inglês, holandês, francês, espanhol e português, não devendo estes números ser tomados como inventário acabado das línguas europeias mas, pelo contrário, como simbolizando a existência das muitas línguas humanas. A enorme diversidade das línguas pode fazer surgir a dúvida sobre a possibilidade de encontrar uma única língua dotada com a última perfeição, o que justifica amplos elogios ao labor dos que estudam eruditamente o seu idioma materno e que não se preocupam com quimeras de línguas perfeitas. Uma outra formulação da tese da importância do estudo da língua materna encontra-se em De Maimieux na afirmação de que o pressuposto mínimo de todos os métodos pasigráficos é o conhecimento correcto da língua própria, pois o assunto da pasigrafia não é ensinar uma nova língua mas apenas auxiliar a compreensão entre falantes de diferentes línguas.

#### II

A investigação de Antoine Court de Gebelin procurou reconstituir a língua primitiva através do estudo dos órgãos vocais e da combinatória dos sons elementares. Este parece ser um método correcto para a universalização de uma língua: se se tem a língua primordial, ter-se-á a estrutura matricial de todas as restantes línguas derivadas. Um pressuposto omissivo desta segunda objecção é o do motor da derivação. De facto, qual a razão da passagem da língua primitiva às muitas centenas de línguas naturais? Qual a fonte das mutações linguísticas? Dantas Pereira é lacunar neste ponto, se bem que a arquitectura algo platónica com que Court de Gebelin esboça esta questão pudesse indiciar uma resposta hipotética ou, pelo menos, o tipo de problema que está em causa. A dificuldade da adopção do princípio de imitação como explicação exclusiva para a derivação e ramificação da árvore das línguas encontra-se no sofisma de composição. Propriedades diferentes de dois níveis da língua (o indivíduo e o grupo) são unidas no mesmo ponto. É aceitável a posição teórica em que um falante singular imita a natureza, mas não é tão facilmente admissível que a língua no seu todo também imite a natureza (talvez obedeça a outras leis que não as da duplicação onomatopaica).

#### III

Uma reflexão ao modo de Adam Smith sobre a forma como o entendimento procede à invenção das palavras, das raízes e das derivações destas através da análise e da abstracção é, com probabilidade, uma perspectiva interessante sobre como alcançar uma língua susceptível de adopção universal.

#### IV

O inventário das interjeições, palavras infantis, expressões onomatopaicas e dos termos já universalmente adoptados pela maioria dos povos é um passo importante para uma linguagem comum e uma bem ordenada linguagem de

acção, segundo o que foi proposto por Charles Michel de l'Épée, o autor da *Institution des sourds et muets, par la voie des signes méthodiques: ouvrage qui contient le projet d'une langue universelle, par l'entremise des signes naturels, assujettis à une méthode*.

Estas objecções desempenham um papel frágil de contraponto programático ao método pasigráfico. A pasigrafia é sempre perspectivada como propedêutica a uma situação comunicativa futura: “a minha tese porém permanece, e se fosse provável (...) a esperança de obter aquele fim, uma escritura pasigráfica seria excelente preliminar”.

Como exemplificar detalhadamente o modo de operar do sistema pasigráfico? A conversão simples dos termos do dicionário da língua tomada como universal em séries numéricas, como acima se expôs, não esgota o problema. A colecção de aspectos da linguagem é muito mais vasta do que aquilo que um dicionário pode integrar. Dantas Pereira ocupa-se de alguns destes pormenores, geralmente segundo uma estratégia de convenção a decidir no futuro. Assim, o género feminino será indicado pelo algarismo 2 apenas ao número do termo a que se refere, mais baixo do que ele e colocado ou à direita ou à esquerda. A intermediação de números permite a notação de sinais de pontuação. A dimensão máxima do conjunto de algarismos para converter um único termo da língua natural não deverá exceder os cinco caracteres. Uma convenção poderá estabelecer o uso de sublinhados ou de parêntesis quando se tratar da notação de números. As palavras irónicas ou as suas representações pasigráficas podem ser escritas ou impressas sob a forma de grifo (esta é, por um lado, uma sugestão estranha porque a ironia, precisamente porque o é, não se anuncia previamente nem se identifica como tal, e, por outro lado, uma sugestão aceitável num contexto programático que deseja abolir a ambiguidade da comunicação). Mais complexas são as situações que se relacionam com a conversão das línguas analíticas, caracterizadas por um número grande de preposições, para línguas sintéticas, dotadas de uma estrutura paradigmática de casos, com os pronomes, com as preposições, com as conjugações verbais, com as declinações de nomes, e com os tempos dos verbos (várias soluções são apresentadas para esta questão, como o uso exclusivo do infinitivo, a indicação dos tempos através de números determinados, ou, ainda, a introdução de um verbo auxiliar numerado).

Um exemplo desempenha sempre um papel precioso na argumentação de Dantas Pereira. Suponha-se que os algarismos de 1 a 9 simbolizam aspectos estruturais da frase, como os casos, as pessoas e os tempos verbais, e que a numeração dos dicionários vulgares começa com a dezena, não sendo relevante para o exemplo a verificação de equivalentes noutras línguas. Assim, são hipoteticamente estabelecidas as seguintes correspondências: 14=este, 15=Exemplo, 23=fazer, 84=ver, 12=claramente, 95=uso, 71=projecto, 75=que, 68=oferecer, 70=olho, e 73=público.

O enunciado em escrita ordinária “Este exemplo fará ver claramente o uso do projecto, que eu ofereço aos olhos do público” é convertido no seguinte enunciado em escrita pasigráfica: 14 15 235 84 12 4-95 2-71, 75 7-681 3'-70 2-73. A pontuação (a vírgula) está em excesso, se bem que ilustre como poderá desempenhar igualmente um papel na versão pasigráfica. Os dois enunciados são claros. Todavia, um paralelismo por módulos auxilia a compreensão das conversões pasigráficas.

Existem, deste modo, as seguintes projecções: Este exemplo/14 15, fará/235 [i. e. o número do verbo acompanhado do expoente do tempo futuro], ver claramente/84 12, o uso/4-95 (isto é, o algarismo que assinala o acusativo singular é colocado à esquerda do número do termo ao qual se refere, separado dele por um travessão), do projecto/2-72 (isto é, o algarismo que simboliza o genitivo singular é colocado à esquerda do número do termo ao qual se refere e dele apartado por um travessão), que/75, ofereço/7-681 (isto é, o algarismo que nota a primeira pessoa do singular é colocado à esquerda do número do verbo, e do expoente deste que simboliza o presente do indicativo, ao qual se liga e dele é afastado pelo sinal " - "), aos olhos/3'-70 (isto é, o algarismo acompanhado por um expoente que denota o dativo plural é colocado à esquerda do número do termo ao qual se refere) e, finalmente, do público/2-73 (isto é, o algarismo que aponta para o genitivo singular é colocado à esquerda do número do termo ao qual se refere).

A partir da notação do enunciado em pasigrafia é possível encontrar os enunciados noutras línguas, como o espanhol (“Este ejemplo hará ver claramente el uso del proyecto que yo ofrezco a los ojos del public”), o francês (“Cet exemple fera voir clairement l'usage du projet, que j'offre aux yeux du public”), ou, numa conversão mais difícil devido à existência de casos e de uma sintaxe muito diferente, o latim (“Hoc exemplum facit uidere evidenter usum propositionis, quam offero oculis publici”).

O significado prático da cifra pasigráfica é vasto. Em contextos de comunicações militares e diplomáticas, em que a criptografia é um trunfo importante e mesmo decisivo do curso dos eventos, a eficiência do projecto é grande. Assim, as comunicações navais são um campo privilegiado em que a pasigrafia encontrou um terreno de eleição, já nas comunicações diurnas com flâmulas, pavilhões, bandeiras ou tiros de peça, já nas comunicações nocturnas com jogos de luzes.

Uma questão, porém, se impõe: qual a importância da escriptura pasigraphica para uma reflexão histórica sobre as práticas de comunicação? O processo de categorização dos seres e a procura de uma linguagem que duplique verbalmente as subdivisões categoriais, em que cada letra de uma palavra seja por si significativa de relações gerais, de substâncias, de acidentes, de géneros, de espécies e de indivíduos, não é o objectivo da investigação de Dantas Pereira. A procura de eficiência é o indício frequente disso, tal como o lugar relativo na tradição de ideários

análogos em que pessoalmente se coloca. Os dois métodos anteriores que Dantas Pereira tem provavelmente em mente revelam idênticas preocupações pragmáticas, nomeadamente o *Marine Pocket-Dictionary*, de Newman, publicado em Londres em 1799, e *A Triplet of Inventions, Consisting of a Nocturnal or Diurnal Telegraph, a Proposal for an Universal Character, and a Scheme for Facilitating the Progress of Science*, de Thomas Northmore, publicado em Exeter em 1796. Poder-se-ia alongar muito o inventário de leituras possíveis de anteriores projectos pasigráficos. Não existem, contudo, evidências textuais em ordem a fundamentar essas relações de influência ou de distanciamento nos detalhes de execução. Com base na sempre ambígua referência onomástica sem acompanhamento textual é talvez possível acrescentar com alguma segurança o jesuíta Gaspar Schott, com *Technica curiosa, sive, mirabilia artis libris XII comprehensa* (Nuremberga, 1664), a respeito do qual, dezoito anos depois, numa carta a Silvestre Pinheiro Ferreira, afirma que julgara o sistema de pasigrafia “todo meu até que vi o *Mirabilia* de Gaspar Schoto”, ou a primeira obra famosa de John Wilkins sobre mensagens cifradas, *Mercury: Or the Secret and Swift Messenger* (Londres, 1641), o único autor que, juntamente com De Maimieux, merece testemunhos de veneração por parte de Dantas Pereira. Outros dois antecessores na investigação pasigráfica, a respeito dos quais o texto de Dantas Pereira transmite sinais de uma leitura atenta, ou dos originais, ou de versões indirectas dos projectos, são Jean Delormel, com *Projet d'une langue universelle* (Paris, 1795), e Joseph de Maimieux, com *Pasigraphie ou premiers éléments du nouvel art-science d'écrire et d'imprimer en une langue de manière à être lu et entendu dans toute autre langue sans traduction*.

O regime de influência da tradição pasigráfica é, contudo, extremamente ambíguo. Afirma Dantas Pereira que foi apenas depois de ter escrito a *Memória* que resolveu investigar se idênticas preocupações sobre a celeridade das comunicações ou métodos semelhantes para a promover já haviam sido trabalhados por autores anteriores. São vários os testemunhos de admiração indirecta por De Maimieux. O inventário dos cinco efeitos principais da pasigrafia segundo De Maimieux poderia ser facilmente subscrito por Dantas Pereira: maior comunicação comercial e social entre indivíduos e povos; criação de um tipo de glossómetro, ou escala geral das línguas, adequado a completar as traduções literais na correspondência comum e a corrigir as incorrecções das traduções literárias; procurar maior celeridade, facilidade, economia, segredo e segurança nas operações diplomáticas, militares, comerciais e civis; uma notoriedade mais uniforme no que respeita à humanidade; e a criação de modos de existência para um grande número de professores, escritores, mestres de ofício, gravadores, e impressores. Contudo, Dantas Pereira valoriza de preferência, como lhe compete, a simplicidade, a clareza e a facilidade de adopção do sistema pasigráfico que pessoalmente construiu, deixando a questão do julgamento de qual o melhor sistema ao público.

Existe, porém, um momento em que uma importante, se bem que circunscrita, dificuldade de natureza filosófica é equacionada, o que ultrapassa o plano simples da procura de eficiência ou o plano ambíguo da historicidade interna ao texto. Dantas Pereira verifica o contributo que as cifras pasigráficas acrescentam ao velho debate que Platão representa no *Crátilo* sobre a proximidade dos sons primordiais da linguagem em relação às coisas. O enunciado *14 15 235 84 12 4-95 2-71, 75 7-681 3'-70 2-73* é vertiginoso. Nada há nele que testemunhe um contacto, por muito longínquo que seja, entre o plano da expressão e o plano daquilo de que a expressão é expressão *de*, isto é, o conteúdo intencionado. A distância dos planos não é decerto infinita. Aliás, uma das razões que justifica a adopção da numeração árabe como sistema de fronteira e de conversão, ao mesmo tempo que são recusadas outras soluções hipotéticas, como onomatopeias, palavras infantis ou termos já suficientemente espalhados pela maioria das línguas, é a proximidade que essa numeração possui às estruturas mentais, como as estruturas de atenção e as mnésicas. O sujeito que deseje aprender as cifras pasigráficas não tem que memorizar milhares de termos novos, um dos grandes obstáculos à adopção de línguas artificiais. A série decimal é uma estrutura suficientemente fácil, no que concerne à aprendizagem, e poderosa, no que toca à fecundidade de soluções, para disponibilizar símbolos de variedade infinita, o que não acontece com as estruturas alfabéticas, de combinatória melancolicamente finita. A economia de procedimentos na utilização da numeração árabe é um facto adquirido, seja por razões de facilidade de memorização, seja pela lógica de consensos adquiridos.

Uma série de números não corre o risco de ver cortado o fio de analogia que une o conteúdo proposicional aos objectos reais ou intencionais, ou que une os enunciados entre si? Uma sensibilidade etimológica perspectivaria o problema com maior gravidade, porque a sempre ficcional construção de etimologias desenvolve uma resistente ilusão de sapiência. Ninguém que considere as palavras da sua língua materna deixará de considerar que cada uma delas encerra parte do segredo das coisas. A este respeito, cometem-se saudavelmente os excessos de Isidoro de Sevilha ou dos mágicos de todas as latitudes. A perspectiva contratual ou convencionalista da linguagem é exacerbada nas cifras pasigráficas, tal como nos projectos visionários de línguas perfeitas. Tudo é convenção nos enunciados destes grupos de comunicação não natural. Convenção no sentido nobre que a simbologia matemática ou lógica procuram realizar, isto é, um combate contra a ambiguidade, o ruído e a redundância da informação veiculada pela comunicação.

A gravidade da perda da relação de analogia adensa-se quando se tem presente o argumento psicológico que determina a ordem directa das ideias na estrutura interna dos enunciados. As transposições do latim clássico são afastadas por Dantas Pereira por já não corresponderem à ordem natural das ideias. É óbvio que este argumento poderá ser fragilizado na perspectiva do seu eurocentrismo. De facto, qual a ordem de ideias mais perfeita e porque

deverá ser a europeia a óptima? Este é, porém, o ponto de vista das políticas da linguagem em geral, e das línguas europeias, em particular, como formas de domínio de outros povos. O âmago do argumento não reside na pragmática totalitária das línguas europeias e das estruturas conceptuais que transmitem. Dantas Pereira parece apontar numa outra direcção: a da dependência íntima dos sistemas pasigráficos em relação às gramáticas filosóficas que auxiliam a descoberta da ordem natural do pensamento:

Com efeito serão tanto mais longínquas [sc. as dificuldades de execução do programa pasigráfico], quanto a escritura filosófica, denominando assim a que procede segundo a ordem natural das ideias, tomada por base da pasigráfica, será única e suficiente regra que torne a versão desta inteligível em todos os idiomas (...) porque certas elegâncias produzidas pela destra inversão da ordem natural das ideias, além de deverem em geral ser estranhas a todas as línguas, já o são bastantemente às mais notáveis dos modernos, e porventura irão diminuindo cada vez mais.

Esta uma dificuldade comum aos sistemas de Wilkins, de Thomas Northmore e dele próprio. Dantas Pereira propõe, pois, a criação de uma estratégia que faculte analogias memorizáveis. A memorização dos sinais numéricos desprovidos de relações analógicas aparentes com os objectos reais é muito mais fácil se existir entre eles algum núcleo natural de associação. Grupos de múltiplos de 100, 1000 ou 10000 aplicam-se às primeiras ou últimas palavras de cada uma das letras de entrada do dicionário. Um segundo modo de criar categorias numéricas que auxiliem a memorização é o de distribuir os grupos de números segundo classes de objectos, começando nos mais familiares e terminando nos mais extraordinários.

É um exercício fascinante verificar o esforço interno do pensamento de Dantas Pereira. Não está minimamente interessado na alta questão filosófica dos processos categoriais, nem na tarefa de confirmar se o paradigma da proposição aristotélica (sujeito, cópula, predicado) é o que melhor corresponde à organização mais natural e universal da linguagem dos homens. Todavia, é forçado, pela lógica interna do programa pasigráfico, a procurar categorias de menor estatuto ontológico para facilitar a receptividade do sistema de escritura pasigráfica. Chega a atenuar a gravidade da perda de relação analógica entre os objectos e os enunciados numéricos com a acusação da existência de perdas idênticas nas línguas naturais, ou, em situações contrárias, de fenómenos em que essas perdas não acontecem e em que um sistema artificial de símbolos é dominado em absoluto como se fosse uma língua materna: “porventura o fio da analogia nos sons vocais não se encontra mil vezes cortado, e estes deixam por isso de ocorrer com facilidade? Nas cifras particulares não vemos alguns tão destros que as decifram ou lêem na língua vulgar sem a menor equivocação ou demora?”

Joseph de Maimieux tinha formulado uma questão semelhante. A noção que propõe de uma escala pasigráfica de grupos de partículas conectivas frequentes, de objectos e de ideias quotidianas na sociedade e de termos de arte, ciência e investigação erudita desempenha o papel operatório das categorias de seres dentro de “uma escrita que seja a imagem do pensamento” (*Pasigraphie*). Uma outra possibilidade consiste em numerar primeiro os monossílabos, depois os dissílabos, etc. Referindo-se ao espírito metódico de De Maimieux, Dantas Pereira afirma que “ele é aliás aplicável ao nosso sistema, onde poderíamos consagrar tantas das primeiras quilíadas dos números naturais para índices da primeira ordem de palavras; tantas das quilíadas imediatas para as da segunda ordem, e o resto para as da terceira; com o que ajudaríamos mais a nossa *Memória* pelo que respeita à conservação do todo”.

Tendo em atenção este conjunto de reflexões sobre a comunicação célere e o objecto último para o qual apontam – uma língua perfeita –, é legítimo inquirir acerca do espírito que as propiciou. Trata-se não tanto de olhar para os textos que Dantas Pereira ostensivamente dedicou a um sonho linguístico de construção exequível num futuro próximo, no caso das técnicas pasigráficas, ou longínquo, no que concerne à existência de uma língua universal perfeita, quanto de esboçar uma determinada configuração psicológica. As perguntas pertinentes a este respeito não oferecem seguranças fáceis à tarefa de interpretar o conjunto de textos. Pelo contrário, os textos são a parte notável do projecto linguístico, mas não a parte exclusiva. A antevisão das dificuldades presentes na adopção pelos estados de uma construção linguística única não chega a justificar, na perspectiva de Dantas Pereira, um texto claro em que se inventariem as propriedades desse objecto desejado como fim último dos esforços de comunicação em contextos plurais, seja comunicação civil, diplomática, militar, náutica ou de sociedades eruditas. A esfera invisível deste projecto alimenta uma dimensão teleológica. Para que serve a pasigrafia? Como contornar os obstáculos à aceitação pelos povos de uma homogeneidade do falar não imposta pela violência ou pelo domínio de um sobre os outros? O conjunto de estudos de detalhe sobre os vários ambientes de comunicação constituem trabalho suficiente para apressar a existência de uma língua perfeita? O campo de problemas do estado último do projecto que estas questões apresentam não é de compreensão plena. Neste ponto, é possível irmanar Dantas Pereira ao conjunto vasto dos visionários da linguagem. Não é fácil saber quais as razões que unem as construções de terapias antibabélicas dos comportamentos linguísticos aos fins últimos que justificam a sua existência. Todavia, a teleologia do projecto pode-se compreender por uma outra via.

O que é necessário para que surjam textos como o da *Memória sobre um Projecto de Pasigrafia*? Existe algum elemento comum a construções linguísticas paralelas, ou algum indício suficientemente interessante para delinear

não um campo dos fins, mas o seu contrário, um campo das causas potenciadoras do empreendimento? A resposta a estas questões é mais facilmente discernida. Em projectos como os de Ramon Llull, Marin Mersenne, John Wilkins, Leibniz e de muitos outros existe uma confiança nos recursos da combinatória e na lógica das possibilidades. Não se trata apenas de uma perspectiva lúdica dos signos. Existe uma mentalidade combinatória que se compraz nos jogos de exclusão mútua, de seriação e de exaustividade de conteúdos múltiplos, tal como existe um espírito combinatório que se alonga na vertigem do possível, independentemente daquilo que é a matéria da combinatória. Dir-se-ia, neste último caso, estar-se perante uma vertigem sem abismo determinado. Já na *Memória* aparecem observações que apontam para uma vertiginosa combinatória dos possíveis. Ao referir-se ao *Essay towards a Real Character, and a Philosophical Language*, de John Wilkins, afirma Dantas Pereira que os quarenta géneros maiores ou categorias em que são divididos por Wilkins os seres do mundo constituem um número excessivo, porque basta a combinatória de apenas seis letras para se obterem complexões alfabéticas suficientes para representar até as ideias mais extraordinárias: “e nem carecia de tantos, porque admitindo somente seis letras, ou sons simples resultam 55986 complexões alfabéticas diferentes que bastariam para representar até as ideias que saem fora do ordinário”.

A ilusão combinatória, tal como todas as ilusões, é poderosa porque consegue demonstrar que os recursos do possível são em muito superiores aos recursos do existente. O conjunto dos factos é um mero grão de poeira no conjunto dos contrafactos. O velho desespero dos lógicos quando reparam que o modal é mais fecundo que o actual é reaproveitado com alegria nas construções linguísticas visionárias. O sistema de tradução universal de Dantas Pereira é uma manifestação dessa alegria.

### **Obras Citadas**

Curado, J. M. (1996). “A Utopia Linguística de Dantas Pereira: da *Escriptura Pasigraphica* à Impossível Língua Perfeita”, *Diacrítica*, n.º 11, pp. 409-497. \_ \_ (2000), *O Mito da Tradução Automática*, (Coleção Hespérides/Literatura, 11.), Braga, Universidade do Minho. \_ \_ (2004), “A Memória de 1800 de Dantas Pereira”, *Diacrítica*, n.º 18, pp. 285-327.